

ALMERINDA VIEIRA RUICCI: “Dona Tutu”

Por Leda Figueiredo Rocha



Almerinda Vieira Borges é filha de Raimundo Vieira Dias e **Antônia Vieira Borges**, natural de Rio Bonito (Caipônia) Go, onde nasceu em 07/09/1934(quando se casou aumentaram dois anos para que ficasse com 15 anos. Assim, seu registro consta 06/09/1932 como data de nascimento) na fazenda Bom Jardim, que ficava na beira do rio Araguaia(lado de Goiás), de propriedade de seu padrinho Capitão Valério Porto. O padrinho Valéri^o Porto, optou por registrar como se ela fosse natural de Rio Bonito. Capitão Valério Porto e a esposa Maria, batizaram Almerinda na igreja do Povoado de Deixado GO, que mais tarde se tornou o município de Aragarças. Capitão Valério Porto era quem comandava aquela região de Goiás. Ele tinha três filhos: **Jerusa, Irene e José.**



Os pais de Almerinda eram nordestinos, a mãe era natural de Floriano no Piauí e o pai era natural de Picos (PI). Mudaram do nordeste no início de 1930, época da seca, o pai foi trabalhar na exploração da borracha em Conceição do Pará, mais tarde Redenção do Pará. De lá foi para o povoado de Cajueiro(Pará)local onde conheceu Antônia (mãe de Tutu), com a qual se casou. De Cajueiro para Goiás, vieram de

reboque, um tipo de embarcação. Chegando em Goiás, os pais de “Tutu” foram trabalhar na fazenda Bom Jardim do Capitão Valério Porto, próximo ao povoado por nome Deixado. Os nordestinos que vinham em direção ao Centro Oeste, principalmente os baianos que se dirigiam para os garimpos do Garças, ao chegarem nas proximidades do rio Araguaia, acostumavam parar para repousar e depois seguir viagem. Certo dia, um grupo de baianos arrancharam na beira de um açude, perto da Fazenda Bom Jardim, onde senhor Raimundo pai de Tutu trabalhava no alambique. Ao ficarem sabendo do alambique que havia por ali, os baianos foram lá. Por lá chegando, começaram a beber cachaça, tocar e cantar. Raimundo se envolveu com a farra dos baianos e começou a beber. Não demorou, começou um incêndio no alambique, que foi totalmente destruído pelo fogo. Raimundo então, temendo a reação do Capitão Valério Porto, avisou a esposa Antônia que ele iria seguir viagem junto com os baianos e depois ela desse um jeito e fosse ao encontro dele com a filha.

Quando capitão Valério Porto chegou na fazenda e tomou conhecimento do ocorrido ficou furioso, chamou Antônia e teve uma séria conversa com ela, ocasião em que disse a mesma que ela não deveria procurar nunca mais aquele homem, que ele se encarregaria de cuidar dela e da filha Almerinda e não iria botar os homens dele atrás de Raimundo em função da relação de compadrio que tinha com ele.

Antônia ficou por lá com a filha Almerinda, **os filhos Carlindo, Ludovico e a irmã Lídia**. Os filhos Carlindo e Ludovico morreram com crupe viral . Certo dia, Antônia atravessou o rio Araguaia e foi até a região da Balizinha, lá encontrou o senhor Crispim e combinou com o mesmo que iria vir para que ele a levasse até Tesouro, MT onde se encontrava o esposo dela . Tudo isso às escondidas do compadre Capitão Valério Porto. Crispim era um homem que tinha tropas para transportar pessoas de Goiás a Mato Grosso. Conforme combinado, um dia em que o Capitão não estava na fazenda, dona Antônia seguiu viagem ao encontro do sr. Crispim, Almerinda se recorda que a mãe veio montada em um cavalo e ela estava na garupa, a tia Lídia estava montada num jegue. Num certo trecho da estrada, havia uma porteira e essa era fechada com varas. Para atravessar deveria ser retiradas as varas debaixo e deixar a última , passando por baixo com o animal. Todos passaram e somente depois senhor Crispim ao olhar para trás viu a menina Tutu pendurada na vara da porteira. Informou dona Antônia que voltou e deu uma boa bronca na filhinha. Assim, Crispim cumpriu com o combinado e de lá trouxe a família ao encontro de Raimundo, que já havia alugado uma casa em Tesouro para abrigar a mulher, a cunhada Lídia e a filha.

Chegando em Tesouro, Antônio ficou sabendo que seu irmão Raimundo (Mundico) estava por lá. Ele era canoieiro no rio Garças. Trabalhava com Sebastião Ribeiro. Que também era seu padrinho. Sebastião Ribeiro tinha propriedade na beira do Garças e percebendo que ali seria um ponto para ganhar dinheiro, instalou um porto no rio Garças. Uma vez que as pessoas que vinham em direção a MT por ali tinham que passar e não havendo ponte precisavam de ajuda para atravessar o rio. Sebastião adquiriu canoas e um barco e lá trabalhavam vários canoieiros, um era Mundico, irmão de Antônia, tio de Tutu. As pessoas eram transportadas de um lado para outro nas canoas e as mudanças e mantimentos eram transportados no barco. Os animais atravessavam dentro d água.

Almerinda imagina que ela se mudou para Tesouro em 1938/39. Senhor Raimundo tocava garimpo em Tesouro e tocava uma barbearia. Era um excelente barbeiro. Na região do Gatinho (Alto Paraguai), na Fazendinha trabalhavam dois irmãos de dona Antônia. Portanto, seus cunhados Luís e Miguel. Raimundo resolveu ir para o “Gatinho”. Nessa ocasião dona Antônia resolveu que não acompanharia o esposo, iria ficar em Tesouro com a filha Almerinda , o filho Adilino,(que nasceu em Tesouro) e a irmã Lidia. Raimundo seguiu para o Gatinho, trabalhando numa catra com piçarra manteiga, acabou morrendo soterrado. Ele não tinha muita experiência com garimpo, apesar dos cunhados terem lhe falado do perigo, ele resolveu trabalhar um pouco mais e foi surpreendido com o barranco que cedeu sobre ele.

Pouco tempo depois que o esposo Raimundo havia falecido no garimpo de Alto Paraguai (Gatinho), Antônia perdeu o filho Adilino, com 03 anos de idade. Antônia que vivia lavando roupa para os outros e ajudando dona Tiotonha costureira, forma que achou para ganhar o sustento para a família. Naquele dia, ela foi levar comida para o esposo da costureira que morava numa casa afastada, visto estava com morfeia ou hanseníase, não poderia ficar na casa junto com a família, porque isso afastaria os clientes, que se sentiriam amedrontados com a doença, uma vez que todos tinham medo de se contagiar, sem contar o estado lastimoso do homem, devido ao estágio avançado da doença. Enquanto isso, o filho Adilino, sentindo falta da mãe, foi até a casa do padrinho Norberto procura- la. Não encontrando a mesma, saiu após receber algumas balinhas e foi ao encontro da irmã Tutu. Porém, ao ver algumas pessoas se dirigindo para cisterna buscar água, se distraiu e foi ver o que era. Se aproximou e começou brincar na água que corria em direção ao poço. Sem perceber deve ter caído na cisterna que não tinha tampa.

Quando dona Antônia chegou que procurou pelo filho e não encontrou, já pensou no pior. Foi logo na beira do rio Garças ver se a criança não estaria por lá. Procurou e nada. Para p desespero dela, senhor Pedro Lafuente encontrou o menino sem vida dentro da cisterna.

Depois dessa tragédia, dona Antônia não quis continuar morando em Tesouro. Entrou em contato com os irmão que naquela época se encontravam garimpendo em Poxoréu e os mesmos lhe mandaram dinheiro para que ela se mudasse para cá, no ano de 1943.

Os irmãos de Antônia, alugaram para ela uma casa na rua Paraíba, de propriedade de Tomázia, uma mulher da vida que adquiriu essa casa, com o objetivo de alugar para ajudar nas despesas de sua mãe, que morava em outra casa aos fundos. A referida casa é aquela que atualmente pertence ao sr. Pedro Pernambuco, próxima ao residencial diamante.

Um fato que ficou marcado na memória da menina Tutu nesse período foi a apresentação do bumba meu boi nas ruas de Poxoréu. Se recorda que um grupo de homens saía tocando e dançando pelas ruas e parava em algumas casas que lhe pagavam para tocar e abençoar. Ela queria muito que parassem na casa dela. Porém, não tinha dinheiro para pagar. Então eles prosseguiram. Quando seus tios chegaram e ficaram sabendo do desejo da menina, foram logo atrás e pediram aso homens que viesse tocar em frente a casa para sobrinha. Eles vieram e tocaram duas rodadas. Aquilo proporcionou tamanha felicidade na menina que ela até hoje fala com satisfação e brilho nos olhos. Reafirmando. Eles tocaram e tocaram duas rodadas. Não foi uma apenas como era de costume. Meu tio pagou para tocar mais uma vez.

Nessa casa dona Antônia morou por uns tempos e depois se mudou para uma outra no bairro Areia, perto de Maria Félix que tocava uma pequena pensão. Antônia ajudava Maria nos serviços da pensão. Nesse período, Tutu começou estudar numa escola particular, situada na rua Goiás, próximo ao hospital de Dr. João Figueiredo. Era a Escola Bom Jesus, cuja professora era dona Regina, uma cuiabana, mãe de Edson.

Tempos mais tarde, dona Antônia, mãe de Tutu arrumou um novo companheiro, sr. Levino. Foram morar nas terras de Antônio Ventura. Na fazenda plantavam roça e tocava garimpo. Fazenda que ficava uns dois ou três quilômetros após o Alto Coité, do lado esquerdo. Lá foi um tempo bom, de muita fartura. Porém, Antônio Ventura, esposo de dona Morena era muito farrista. Começou a gastar demais, foi vendendo terra, gado até acabar com tudo. Dona Morena que era filha de Adilino, um comprador de

diamantes e exportador, se mudou para Poxoréu, numa casa de esquina com a rua Goiás, ao lado da praça da Liberdade, casa que o pai lhe deu.

A família de Tutu se mudou para a vila do Alto Coité, em 1945. O povoado era formado pela rua de cima e a rua de baixo. Na rua de cima não se podia construir casa de material porque as terras eram de senhor Joaquim, pai de Dr. Didi. Havia na vila igreja, uma escolinha na volta da Várzea, bolichos, barbearia e a oficina do orive Nogueira, que era seu padrinho de fogueira. A família de Tutu foi morar na rua de baixo, próximo à casa do padrinho Nogueira. Tutu foi continuar os estudos na Escola Rural Mista, com a profª Marina. Nessa escola ela terminou o primeiro ano e cursou o segundo. É época em que a menina Tutu já estava ficando mocinha, com 12 anos conheceu seu primeiro namorado, um policial por nome João. Com quem noivou e o padrinho Nogueira fez as



alianças. Namoro que não prosperou, porque a jovem Tutu se preocupava muito com a mãe e ao pensar que o noivo poderia ser transferido a qualquer momento, uma vez que era funcionário do governo, não teve dúvida, na primeira oportunidade resolveu terminar o noivado. Certo dia, estava sentada atrás da casa fazendo a barra de uma saia, quando João chegou e pôs se a ajudar a moça fazer a barra. Ela disse que tinha algo para dizer lhe e foi logo explicando os motivos pelos quais não poderia levar adiante aquele noivado. O jovem rapaz fez várias propostas. Mas de nada adiantou. Tutu disse que toda vida ela foi uma mulher que teve decisão e resposta para tudo.

Terminado o namoro, Tutu continuou estudando na escolinha, sonhava ser uma professora. Gostava muito de estudar. Tempos depois começou namorar com **Antônio Flaminio Ruicci**, morador de Alto Coité, com quem se casou em **25 de setembro de 1947, casamento realizado por Frutuoso em Poxoréu, a cerimônia aconteceu na Pensão Baiana, do avô de Nazira, situado na rua Mato Grosso**. Dessa união nasceram 09(nove) filhos: Eurídes, Luís, Armando, Ademar, Antônio, Mário, Francisco, Almitônia e Thomás.





Os dois primeiros filhos nasceram em Alto Coité, os demais todos são naturais da cidade de Poxoréu. A família se mudou para a cidade de Poxoréu no ano de 1949, vindo a residir na rua Paraíba, onde atualmente está a casa de senhor Assis Meira. Porém, naquela época havia ali uma casa coberta de telhas com paredes de palhas exceto a cozinha que tinha paredes de barrotes. Ali era a casa da família e também funcionava a oficina do esposo Antônio. Uma vez que ele era bom mecânico e através dos serviços realizados na oficina que ele mantinha a família. Considerando que o local era pequeno, logo que surgiu a oportunidade de alugarem um local maior eles se mudaram para uma casa na esquina, perto do Sindicato Rural, casa que era da família de Genivá Bezerra, não demorou e Antônio conseguiu recursos para construir sua casa e

sua oficina. Adquiriu em 1950 um terreno na esquina da rua Tancredo Neves. Lá fez a casa e a oficina.(**Foto: Antônio Guarda com os três filhos mais velhos**)



A casa foi sendo ampliada aos poucos, conforme a necessidade da família que ia aumentando. Assim também, aconteceu com a oficina que devido a demanda de serviços com veículos e começaram a surgir na cidade de Poxoréu, esposa Tutu pediu ao esposo que arrumasse outro local para funcionar a oficina de veículos. Visto achar muito pequeno o lugar e também perigoso para as crianças. Atendendo ao pedido da esposa, senhor Antônio adquiriu um outro terreno na rua Tancredo Neves, na quadra seguinte a sua casa de morada, do lado esquerdo. Terreno grande que ia até onde hoje está a casa de profª Honória. O terreno ocupava a metade da quadra. Ali se instalou a oficina de carros e junto a casa da família funcionava oficina de armas, máquinas e outros equipamentos.(Abaixo foto de Tutu com a filha Almitônia)



Na oficina, senhor Antônio ensinou a muitas pessoas o ofício de mecânico: Napu, Diozinho, Raulino, Inocêncio e muitos outros .

Disse dona Tutu que os filhos foram crescendo e Antônio tinha muita amizade com os padres, que começaram a questionar por que ele não se casava no religioso para que seus filhos pudessem ser abençoados e batizados. Ele respondia que não tinha tempo. Certo dia, novamente Pe. João Durore interrogou e ao ouvir a mesma resposta perguntou se fosse devido a falta de dinheiro para pagar, que não se preocupasse ele além de não cobrar, iria celebrar o casamento na casa dele. Era apenas definir a data. Dessa forma, não teve como Antônio se recusar. Combinaram tudo e no dia marcado,

Antônio comprou algumas garrafas de vinho para os convidados e o vinho Macieira para o padre. Porém, antes o padre fez lhe uma recomendação. Que Antônio teria que fazer uma penitência. Por cinco dias não poderia ter relações com sua esposa. Teriam que após tal penitência se confessarem e depois a cerimônia seria realizada. Cumprida a penitência o casamento religiosos se realizou. Senhor Mariano Gomes Valadares e Dona Guiomar, Avelino Pereira e dona Roxa foram padrinho do casamento religioso e os pais de prof^a Zanira foram padrinhos no civil. Após o casamento religiosos, fizeram o batizado das crianças, também em casa. Formaram uma roda e batizaram todos de uma só vez. Exceto Armando que foi batizado na igreja.

Dona Tutu disse que na ocasião em que Pe. Pedro Melesi aqui chegou, Pe. João Durore saiu caminhando com ele pelas ruas de Poxoréu, apresentando lhe o povo e recomendando que cuidasse bem da população. Quando chegava à casa de pessoas mais humildes ainda dizia. _ Esse é meu povo. Pe. Pedro usava um batinão.

No dia **16 de dezembro de 1967**, Antônio começou sentir fortes dores no peito, se dirigiu para a frente da casa e sentou- se na porta ali ficou se despedindo de todos até a hora de morrer. Visto, que não aceitou ser levado para o médico nem que pedisse alguém para vir atende-lo. Apenas disse que pelo ao menos na hora morte queria que o deixasse me paz. Teve um ataque cardíaco que lhe tirou a vida. Morreu jovem, com 51 anos de idade, deixando a esposa com 08 filhos, visto que o primeiro filho Eurídes faleceu com poucos meses de vida.

Naquele momento Tutu disse que sentiu imenso medo de não conseguir criar os filhos. Tendo se em vista que o marido quem decidia e resolvia tudo. Ela não sabia quanto custava nada. E nada lhe faltara em casa. O esposo providenciava tudo e com muita fartura. Porém, sendo ela uma mulher de muita fé, se colocou diante de Deus e fez lhe o pedido para que Ele a ajudasse a criar os filhos, que não a abandonasse. E disse fazer questão de testemunhar o agir de Deus em sua vida e na vida de seus filhos Luís, o filho mais velho foi lhe ajudando a resolver as coisas. Todavia, no final do primeiro mês o rapaz que cuidava da oficina veio entregar lhe os serviços. Resolveu não continuar. Ela então confiou a oficina aos jovens que aprenderam a trabalhar com Antônio : Napu e Diozinho. Porém, eles ainda não dominavam todos os serviços. Mas, a oficina continuou funcionando e os filhos começaram a trabalhar também na profissão do pai. O filho Chico foi o que mais se identificou com a profissão. Ele tem um dom nato para a mecânica. Os outros aprenderam aos poucos, quando criança e iam lavando ou

separando parafusos para o pai durante os serviços que o mesmo realizava e os filhos que ficavam ao redor eram solicitados a ajudar.

Com a morte do esposo Antônio, Tutu passou a realizar pequenos serviços que pudessem gerar recursos para ajudar no sustento dos filhos. Fazia arroz doce e botava em tabuleiros para os meninos venderem, fazia pastéis e aprendeu bordar com dona Antônia do senhor Zé Bispo. Por sorte, pouco tempo antes de morrer, o esposo Antônio tinha lhe dado de presente uma máquina Elgin novinha. Essa máquina lhe foi muito útil na produção de bordados e enxovais. Tutu que antes recebia tudo nas mãos, se tornou uma empreendedora, administrava com os filhos a oficina e comercializava doces, pastéis e enxovais bordados. Com isso, não sentiu o peso da viuvez na criação dos filhos, que nunca lhe deram trabalho, sempre foram bons filhos e boas pessoas, graças a Deus.

ANTÔNIO FLAMINIO RUICCI- “Antônio Guarda”



Natural do Rio de Janeiro, nasceu em 24 de dezembro de 1916, filho de Thomas Flaminio e Adelina Ruicci. Tinha os irmãos Nicolás e Francisco. Antônio nasceu no RJ, mas foi criado no Estado de São Paulo. Antônio era filho de italianos. Antônio falava ter vivido por lugares como Marília, Piracicaba, Limeira, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, General Peixoto. Dizia ter trabalhado em São Paulo como guarda de ruas. Era amigo particular do Interventor paulista Dr. Adhemar Pereira de Barros, a quem resolveu homenagear, dando o nome de Ademar a um de seus filhos. Quando saiu do Estado de São Paulo, se dirigiu para Três Lagoas, local onde conheceu Eugênia, sua primeira companheira. Porém, não chegou a se casar com a mesma. Não demorou por lá e veio para Cuiabá, Mato Grosso e foi trabalhar na Fazenda Abolição, de propriedade do Interventor Estadual Júlio Strubing Muller. Fazenda Abolição, ficava em Santo Antônio do Leverger, não muito distante do presídio das Palmeiras. Certa vez, Antônio saiu para caçar e foi se adentrando na mata, quando sentiu um cheiro muito forte de carne podre. Parou para averiguar de onde vinha e o que era aquilo, encontrou um grande buraco com vários corpos humanos em decomposição e logo a frente alguns homens apontando

lhe armas. Antônio que também estava fortemente armado com espingarda, revólver e facão, logo se apresentou e mostrou na pala da farda camuflada o distintivo. Os homens reconheceram que ele era um dos seguranças do Interventor Júlio Muller, se apressaram a pedir lhe desculpas. Antônio ficou por ali uns quatro dias caçando nas imediações. Certamente aquele buraco era uma grande vala humana, onde se depositava os corpos dos detentos que se rebelavam ou tentavam fugir do presídio. Depois foi trabalhar na Colônia São Lourenço em Mutum. Anos mais tarde veio para a colônia Paraíso do Leste onde Argemiro Rodrigues Pimentel era fiscal de colônia. Antônio era nomeado pelo Interventor Júlio Muller para auxiliar Argemiro, na parte de segurança e na obtenção de alimentos para os colonos, era responsável por fornecer carne, através da caça e da pesca. Nesse período, Antônio recebia salário, remédio e alimentação. Também tinha o direito de escolher um lote na colônia. Porém, não o fez. Do Paraíso do Leste, Antônio foi para a fazenda de Major Vilela, local onde fez uma grande roça. Lá foi picado por uma cobra boca de capanga e foi socorrido até o Alto Coité, depois levado para Poxoréu, onde recebeu os primeiros socorros por parte de senhor Amarílio Bento de Britto, que diante da gravidade do paciente o encaminhou para Cuiabá, sendo transportado num avião da Nacional. Sendo lá atendido pelo médico Ivo Curvo.

Ao voltar de Cuiabá, Antônio resolveu ficar residindo em Alto Coité, visto que sua perna continuava muito inchada. Ele então entregou a roça ameaia para um companheiro e instalou uma oficina no Alto Coité. Local em que passou a morar com sua primeira família: a esposa Eugênia, as filhas Iraci e Leda, também os enteados Edir e Maria.

Antônio e Eugênia se separam em 1946. A esposa e os filhos foram embora para São Paulo ao encontro da família de Eugênia.

Tempos depois, Antônio se casou com Almerinda, em 25 de setembro de 1947.

Antônio dizia não ter estudos. Porém, era um homem muito sábio, de letra invejável. Era pessoa muito prestativa, estava sempre pronto a servir às pessoas que o procuravam em busca de ajuda. Apreciava ouvir notícias e seu lazer favorito era pescar e caçar.

Falava muito pouco de sua vida e da família que deixou em São Paulo, com quem não tinha nenhum contato. Apenas falava que em São Paulo ele não poderia mais voltar. Dizia não ter matado ninguém. Porém, lá não poderia ir.

Tinha boa amizade com os padres que sempre o procuravam para fazer viagens para eles; Por inúmeras vezes foi ao Sangradouro, Meruri e outros lugares atendendo pedidos ou em companhia dos padres. Pe. João Durore e Antônio eram muito amigos.

Dr. Antônio Muniz era outro grande amigo de Antônio Guarda. Esse percebendo que o estado de saúde de Antônio era grave, por várias vezes o convidou para ir a Cuiabá em busca de tratamentos, de exames mais detalhados. Porém, por duas vezes, com a viagem já marcada, ao chegar para a viagem, Antônio dizia não poder ir devido a quantidade de serviços e os compromissos assumidos. Certa ocasião, Dr. Muniz pediu um cafezinho e Antônio falou para esposa Tutu fazer um café para Dr. Muniz. Pois o café de Antônio era sempre frio, ele não tomava café quente e o baiano Muniz gostava de café quente. Na verdade Dr. Muniz queria era conversar com Tutu sobre a gravidade da situação de Antônio. Enquanto Tutu fazia o café, o médico disse como estava o estado de saúde do esposo e recomendou lhe cuidados para com a alimentação e que ele não poderia passar raiva, não poderia ser contrariado.

A esposa disse que fazia de tudo para não deixá-lo irritado e nem permitia que os filhos lhe desse motivo para tal. Pois, ela sabia da situação. Haja vista, que certa vez ele fazendo um frete para levar paciente a Mineiros GO, enquanto esperava na sala de estar pelo paciente que levou para consultar, Antônio sentiu - se mal e foi rapidamente atendido pelo médico mineiro que disse a ele e aos companheiros que ele estava, qual era a situação. Seu coração estava muito crescido, recomendou - lhe absoluto cuidado com a alimentação e com o ritmo de serviço. Não poderia comer frituras, nem pegar peso. Todavia, por mais que a esposa cuidava, não adiantava ele sempre comia carnes e peixe somente fritos. Não gostava de comida de caldos, não consumia legumes.

Antônio se dedicou ao ofício de mecânico, a realização de serviços de transporte de pessoas e objetos, por meio de fretes que fazia para lugares como Guiratinga, Mineiros GO, Barra do Garças, Cuiabá, e outros. Era um homem trabalhador e dessa forma manteve a família e também ensinou outras pessoas na função de mecânico, como Napu, Diozinho, Raulino, Inocêncio e os filhos Thomás e Chico.

Senhor João Sinval disse ter conhecido Antônio Guarda, na época João Sinval era rapaz solteiro. Encontrou Antônio em Poxoréu, atuando junto com a polícia, auxiliava nas diligências pelo município. Ouviu dizer que ele era uma pessoa que estava aqui sob a proteção de Sr. Joaquim Nunes Rocha, por um problema ocorrido em São Paulo.

Certa vez, Antônio Guarda acompanhou João Sinval em diligência na região de Jarudore. Num certo ponto do caminho disse ter ouvido dizer que os filhos do Senhor Bia eram bom para atirar. Na ocasião Levi, irmão de João Sinval, pediu ao irmão seu revólver e ficando com um revólver em cada mão pediu a Antônio Guarda que definisse o alvo. Levi então atirou com as duas mãos e acertou com tranquilidade o alvo definido. Antônio Guarda ficou admirado e disse que os rapazes são bons mesmo.

João Sinval disse que anos mais tarde, já encontrou Antônio Guarda tocando uma oficina, e lá encontrou senhor Inocêncio ainda jovem aprendendo os serviços com Antônio que era exímio mecânico. Ele também criava abelhas e tinha um Jipe , no qual trazia a pintura de uma abelha.

Antônio Guarda era amigo de Joaquim Nunes Rocha, Sete Escama, de Dr. Muniz e de outros homens influentes e corajosos da antiga Poxoréu. Disse João Sinval.



Um fato que João Sinval (**na foto com o historiador Gaudêncio Amorim, em tarde de lazer no Conviver, 2019**) também se recorda era o hábito de caçar e pescar. Disse que Antônio Guarda matou muita caça que doava como alimento aos colonos do Paraíso, principalmente em época que às vezes não tinham nada para comer.

Em entrevista com Dr. Lindberg, o mesmo disse ter conhecido Antônio Guarda e se recorda dele na década de 50, quando seu pai Joaquim Nunes Rocha era prefeito e realizou uma viagem ao Paraíso do Leste, para inaugurar a estrada que ligava Paraíso ao Jarudore, estrada essa, construída braçalmente, por homens com o uso de enxadão, machado e foice. Não havia máquinas para nivelar nem aterrar nada. Os carros ao passar fazia os serviços finais iam acertando o trilho. Na ocasião, Antônio Guarda ia conduzindo as autoridades ao local do evento, quando foram surpreendidos por um

bando de queixadas. O motorista não titubeou. Informou que iria para e matar um dos bichos. Desceu e logo trouxe um daqueles para o carro, que chegando em Paraíso foi doado aos colonos. Declarou também Lindberg que ouviu certa vez, provavelmente de seu pai, não sabe afirmar ao certo; que Antônio era funcionário do estado, contratado para fornecer carne e peixe aos colonos através dos serviços de caça e pesca. Como também ouviu dizer que a Colônia do paraíso do Leste, representou um prêmio de consolação ao governo do Ceará, que certa vez teve um sobrinho que por volta dos anos 32 ou 34, período de intensa seca saiu do Ceará esse dirigiu ao estado de Mato Grosso para trabalhar nos seringais do norte do estado. Anos mais tarde o primo que era governador do Ceará colocou gente para procura-lo e descobriu que esse havia sido assassinado em Mato Grosso. Júlio Muller, o Interventor de Mato Grosso, resolveu compensar o governo do Ceará pela perda do primo em território mato-grossense, oferecendo-lhe uma colônia, para acolher os cearenses que na época estavam perecendo com a grande seca. O governo do Ceará na época, início dos anos 40 era o Interventor Federal Francisco Meneses Pimentel, que nomeou Argemiro Pimentel para coordenar o processo de transporte, assentamento e os cuidados para com os cearenses no território de MT.

Disse Lindberg que no dia da morte de Antônio, ele e o farmacêutico Manoel Barbosa, foram até a oficina buscar um Jippe que estava lá para Antônio fazer uma revisão. Encontraram Antônio sem camisa na porta da casa, conversando com sr. Inocêncio. Conversaram e ao sair viram que Antônio estava se sentindo mal. Foram buscar o médico Dr. João. Falando com o médico, esse demorou uns 05 minutos, o que deixou Lindberg preocupado porque o estado do mecânico parecia grave e cada segundo era preciosos. O médico pegou apenas o aparelho de aferir a pressão arterial e nada mais. Chegando de volta na casa de Antônio, esse jipe estava sobre um colchão. Foi examinado pelo médico que depois apoiou-se sobre uma bancada de trabalho do mecânico e fez a receita. Lindberg desceu com o farmacêutico para buscar o medicamento e ao pedir para o mesmo se apressar. Ele respondeu que o remédio era um calmante para a esposa porque Antônio já estava morto. Mais uma vez Lindberg disse ter ficado surpreso porque certa vez seu pai Dr. Joaquim Nunes Rocha disse ter presenciado o enfermeiro Vinholes fazer uma cirurgia com Dr. João Figueiredo e em determinado momento, quando o enfermeiro percebeu que o paciente estava agonizando, esse recomendou ao médico que aplicasse uma injeção de coramina no coração do paciente. Isso feito ele reagiu e eles terminaram a cirurgia. Vinholes era um

enfermeiro que atuava como médico em Poxoréu, dado o conhecimento e a segurança que demonstrava no desempenho das funções. Então imaginou que talvez uma injeção de coramina aplicada em tempo, pudesse ter salvo a vida de Antônio.



Antônio Guarda era um homem trabalhador, audacioso, sagaz, corajoso e muito habilidoso com as armas e na abordagem de bandidos. Motivos que o levou a ocupar o cargo de auxiliar da polícia de Poxoréu, principalmente quando essa precisava realizar diligências no interior do município, na zona rural, nas regiões de matas. Declaração feita pelo ex- prefeito Linbberg.

Antônio faleceu em 16 de dezembro de 1967, em Poxoréu, na porta de sua casa, vítima de ataque cardíaco.